

João Dias visto por quem o conheceu

(CONCLUSÃO)

Vitor Manuel Ganda Evaristo, nasceu em Lourenço Marques, hoje Maputo, a 9 de Fevereiro de 1926. Concluiu os estudos liceais nesta cidade. Seguiu para Lisboa e formou-se em engenharia civil, no Instituto Superior Técnico, tendo regressado a Moçambique.

Durante a sua permanência em Lisboa, juntamente com Agostinho Neto e Lúcio Lara, participou na organização, direcção e edição dos cadernos MOMENTO.

Colabora na MENSAGEM, da Casa dos Estudantes do Império, Lisboa, e interveio na PLAQUETE do GODIDO e em GODIDO e OUTROS CONTOS de João Dias.

Fixou residência em Portugal em 1975.

Esta peregrinação à procura de um quarto continuou por alguns dias e durante eles eu andava com o João Dias todo o tempo de que podia dispor, uma vez que já estava com afeite. A noite é que verdadeiramente nos descontraíamos um pouco e passeávamos conversando.

Um outro dos anúncios a que tomou era o de um quarto num prédio, na Rua Antero de Quental. A casa exteriormente tinha um aspecto decente, limpo. Toquei a campainha, fiz a pergunta crónica sobre o anúncio e a mulher que nos atendeu foi mostrar-nos o quarto. Era, quanto a mim, um quarto jeitoso, com uma cama, uma mesinha-de-cabeceira, um armário, uma mesinha e uma cadeira. Fiz algumas perguntas sobre a retrete, os banhos, a renda, etc.

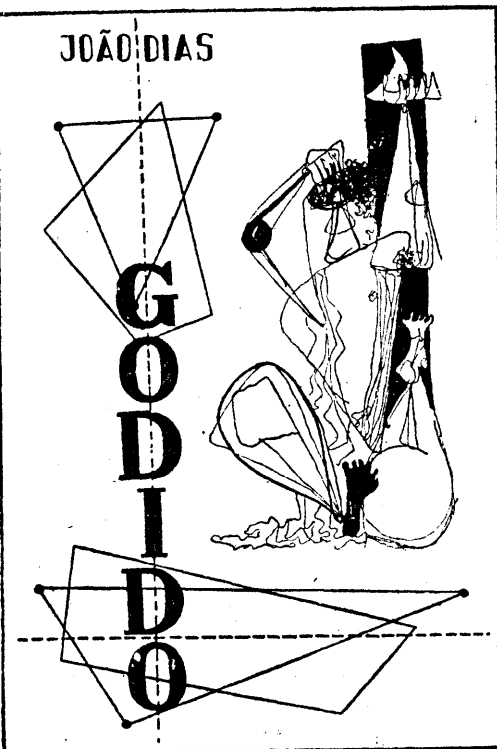
Como disse, o quarto parecia-me jeitoso, mas como o João Dias estivera sempre calado, eu estava sem saber se lhe agradava a ele e se queria alugar. Assim, voltando-me para o João Dias perguntei-lhe:

— «Que dizes?» — e como justificativo acrescentei para a dona da casa:

— E que o quarto não é para mim, mas para este meu amigo. A resposta da dona da casa veio rápida e incisiva:
— Desculpe, mas pensei que fosse para si. Eu, a pretoa não alugo quartos.

Todas estas pequenas acontecimentos e tantos, tantos outros poderão parecer não serem significativos, mas a sua sucessão

continua, dia-a-dia, acabava por edemolir as resistências de quem os sofria e não via qualquer luz num túnel que parecia não ter fim. Até uma noite em que, conversando, descíamos a Rua das



Reprodução da capa de GODIDO

Pretas, uma prostituta se aproximou de nós e dirigindo-se ao João Dias estendeu a mão para ele ao mesmo tempo que dizia:
— Oh pretol! Deixa-me dar-te um beicção, para me dares sortel!

Depois de muito procurarmos, o João Dias teve a sorte de encontrar um quarto decente na casa dum casal recém-casado que o tratava sem qualquer preconceito rácico. A casa era numa travessa, perto do Campo de Santana. O João Dias reiniciara os estudos e quando parecia que finalmente conseguia alcançar uma situação de calma para o restabelecimento de um equilíbrio de que estava tão necessitado, alguém me avisou, uma tarde, na Casa dos Estudantes do Império, que o João Dias estava doente e de cama. Fui logo vê-lo e surpreendeu-me o seu ar febril. Reconheceu-me e falou-me, mas daí a instantes entrava a delirar, perguntando-me as horas e querendo levantar-se para «ir à aula das 9 h». A dona da casa contou-me que o João Dias andava com muita tosse e com febre já há alguns dias, mas que não queria que chamassem um médico. Na véspera recebera uma carta com a mesada e, depois de a ler, metiera-a no bolso do robe que tinha vestido por cima do pijama.

A meio da noite, cerca das duas horas, acordara cheio de febre, recordara por certo a mesada que recebera e levantara-se à procura dela pois não se lembrava onde a colocara. Revolveu tudo: gavetas, malas, roupas e como não encontrava o dinheiro — que estava no bolso do robe que tinha vestido e com que se delirava — foi à janela que abriu e pôs-se a gritar pela polícia porque o tinham roubado. Isto numa noite fria, chuvosa e ele com cerca de 40° de temperatura, suado e delirante. Os donos da casa, acordados, fizeram-no delirar. A dona da casa, que se lembrava de o ter visto guardar o dinheiro no robe, mostrou-lhe que ninguém o roubara. E ficara toda a noite ao pé dele, porque nos períodos de delírio queria levantar-se, obcecado pelas horas: tinha saído às 9 h como pizia e não podia faltar.

Enquanto eu estava lá, apareceram mais alguns amigos e combinámos fazer turnos. O João Dias não podia ser deixado sozinho e a dona da casa — que era aliás a pessoa a quem ele obedecia mais prontamente e sem resistência — não podia passar o tempo todo a vigiá-lo.

Um moçambicano branco, (*) já formado, Dr. A. Matos, providenciou para que ele fosse internado num hospital, pois diagnosticou-lhe uma pneumonia.

Por dificuldades de arranjar lugar noutra hospital, ou porque João Dias estava também tuberculoso, foi levado para o Hospital do Rego. Nessa hospital, de doenças infecto-contagiosas, o azar, a má sorte ou como lhe queríamos chamar voltava a ser o companheiro permanente de João Dias, que ficou praticamente isolado,

uma vez que só podiam ir vê-lo os amigos que fossem estudantes de medicina.

Contaram-me alguns que tiveram de Intervir Junto dos enfermeiros para que olhassem para o João Dias como um doente igual aos outros. Alguns enfermeiros espantavam-se, ao saber que ele era estudante universitário, pois, por razões racionais, João Dias era quase menos que um doente condenado: era apenas um prelo!

ao Vitor Evaristo,

Do contemporâneo e amigo

João Bernardo Dias

Coimbra 30/7/1977

NOTAS: * Na acepção de «nascidos em Moçambique» (NR)

— António Manuel Aires, europeu artista plástico, companheiro

entre outros, de Lima de Freitas e Querubim Lapa, foi autor dos esboços do desenho e arranjo da capa que eu lhe havia pedido para o livro Godido... Falceu a 21 Maio de 1951, com 22 anos.

— Anos mais tarde, um dos filhos de um administrador desse jornal viria a ter protecção internacional no campo político: Marcelino dos Santos tornado em Ciências Sociais e Políticas, por Grenoble, para onde seguiu, vindo de Moçambique, depois de estar em Portugal, embora por pouco tempo.

— O chamado estilo colonial caracterizava-se essencialmente por ser uma construção de «madeira e zinco» da época da colonização. O soalho assentava em vigas de madeira apoiadas em pilares de tijolo que normalmente tinham uma altura entre 0,40 m e 1,00 m. Toda a compartimentação era de taboques de madeira, sendo as paredes exteriores revestidas a chapa de zinco, nessa como o telhado. O ferro do tecto era constituído por um tabuado de madeira.

— Os nomes da cidade e das ruas são os que tinham ao tempo em que ocorreram os factos que se relatam.

— Gustavo B., filho de um funcionário da secretaria do Comissariado da Polícia, em Lourenço Marques, parece-me que deve assinar, por-se o facto de nessa época serem muito poucos os naturais de Moçambique, mistos, na Metrópole, e negros eram tão raros que constituíam casos excepcionais. No entanto esse facto, com causas e consequências socio-económicas importantes, sai fora do objectivo deste artigo.

— Nessa altura a Estação do Rossio era a estação de chegada e partida de comboios de longo curso, entre os quais o do Norte que passava por Coimbra.

— Nessa altura em Lisboa, era normal, nos quartos alugados, os banhos serem paxos à parte. O preço normal andava entre os 4000 e os 5000/cada. Para evitar os banhos clandestinos, o manípulo da torneira era retirado e só era entregue quando se ia tomar banho.

— A Casa dos Estudantes do Império, fundada em fins de 1944, pela fusão da Casa de Angola, Casa de Moçambique e da Casa de Cabo Verde que estava em vias de oficializar a sua criação, tinha a sede no Arco do Cego, num 1.º andar, e esquina da Av. Duque de Ávila com a Rua de Estefânia. Por lá passaram, entre outros, Amílcar Cabral, Agostinho Neto, Mário Pinto de Andrade, Alda Lara, etc.